

This Holocaust will be different

Benny Morris, THE JERUSALEM POST
Jan. 18, 2007

The writer is a professor of Middle Eastern history at Ben-Gurion University.

Este Holocausto Será Diferente

Benny Morris, professor de História do Oriente Médio na Universidade Ben-Gurion.

Publicado no *The Jerusalem Post* em 18-jan-2007.

The second holocaust will not be like the first. The Nazis, of course, industrialized mass murder. But still, the perpetrators had one-on-one contact with the victims. They may have dehumanized them over months and years of appalling debasement and in their minds, before the actual killing. But, still, they were in eye and ear contact, sometimes in tactile contact, with their victims.

The Germans, along with their non-German helpers, had to round up the men, women and children from their houses and drag and beat them through the streets and mow them down in nearby woods or push and pack them into cattle cars and transport them to the camps, where "Work makes free," separate the able-bodied from the completely useless and lure them into "shower" halls and pour in the gas and then take out, or oversee the extraction of, the bodies and prepare the "showers" for the next batch.

The second holocaust will be quite different. One bright morning, in five or 10 years, perhaps during a regional crisis, perhaps out of the blue, a day or a year or five years after Iran's acquisition of the Bomb, the mullahs in Qom will convene in secret session, under a portrait of the steely-eyed Ayatollah Khomeini, and give President Mahmoud Ahmadinejad, by then in his second or third term, the go-ahead.

The orders will go out and the Shihab III and IV missiles will take off for Tel Aviv, Beersheba, Haifa and Jerusalem, and probably some military sites, including Israel's half dozen air and (reported) nuclear missile bases. Some of the Shihabs will be nuclear-tipped, perhaps even with multiple warheads. Others will be dupes, packed merely with biological or chemical agents, or old newspapers, to draw off or confuse Israel's anti-missile batteries and Home Front Command units.

With a country the size and shape of Israel (an elongated 20,000 square kilometers), probably four

O segundo holocausto não será como o primeiro. Os nazistas, claro, industrializaram o assassinato em massa. Mas os criminosos ainda tiveram contato pessoal com as vítimas. Eles podem tê-las desumanizado por meses ou anos, através de uma apavorante humilhação em suas mentes, antes de efetivamente eliminá-las. Mas, ainda, estavam em contato cara-a-cara, ouvido-a-ouvido, e por vezes, até mesmo tátil, com suas vítimas.

Os alemães, junto com seus auxiliares não-germânicos, tiveram que arrebanhar os homens, mulheres e crianças de suas casas e arrastá-los e espancá-los pelas ruas, juntando-os em acampamentos nas cercanias, ou empurrá-los e empacotá-los em trens usados para o transporte de gado, levando-os para os campos, onde "O trabalho constrói a liberdade" (*), separar as pessoas com corpos úteis das completamente inúteis, atraí-las para a "sala do chuveiro", abrir o gás, depois levar embora, ou fiscalizar a retirada, dos corpos, e preparar os "chuveiros" para a próxima rodada.

(*) "Arbeit macht Frei", letreiro na entrada do campo de concentração de Auschwitz II, ver <http://pt.wikipedia.org/wiki/Auschwitz-Birkenau>

O segundo holocausto será completamente diferente. Em uma manhã brilhante, dentro de cinco ou dez anos, talvez durante uma crise regional, talvez inesperadamente, um dia, um ano, ou cinco anos, depois de terem os iranianos obtido a bomba atômica, os mulás em Qom combinarão, em uma sessão secreta, sob o olhar frio do aiatolá Khomeini, cujo retrato pende na parede, e com um "vai em frente" do presidente Mahmoud Ahmadinejad, então em seu segundo ou terceiro mandato.

As ordens serão cumpridas e os mísseis Shihab III e IV decolarão em direção a Tel Aviv, Beersheba, Haifa e Jerusalém, e provavelmente para algumas zonas militares, incluindo a meia-dúzia de bases aéreas e de mísseis nucleares (como noticiado). Alguns Shihabs terão ogivas nucleares, talvez até mesmo ogivas múltiplas. Os outros serão para despistar, levando meros agentes químicos ou biológicos, ou jornais velhos, para desviar a atenção ou confundir as baterias antimíssil de Israel e as unidades de comando de frente.

Com um país do tamanho e formato de Israel (um alongado 20.000 quilômetros quadrados), [Israel

or five hits will suffice: No more Israel. A million or more Israelis in the greater Tel Aviv, Haifa and Jerusalem areas will die immediately. Millions will be seriously irradiated. Israel has about seven million inhabitants. No Iranian will see or touch an Israeli. It will be quite impersonal.

Some of the dead will inevitably be Arab - 1.3 million of Israel's citizens are Arab and another 3.5 million Arabs live in the semi-occupied West Bank and Gaza Strip. Jerusalem, Tel Aviv-Jaffa and Haifa have substantial Arab minorities. And there are large Arab concentrations immediately around Jerusalem (in Ramallah-Al Bireh, Bir Zeit, Bethlehem) and outside Haifa. Here, too, many will die, immediately or by and by.

It is doubtful whether such a mass killing of fellow Muslims will trouble Ahmadinejad and the mullahs. The Iranians don't especially like Arabs, especially Sunni Arabs, with whom they have intermittently warred for centuries. And they have a special contempt for the (Sunni) Palestinians who, after all, though initially outnumbering the Jews by more than 10 to 1, failed during the long conflict to prevent them from establishing their state or taking over all of Palestine.

Besides, the Iranian leadership sees the destruction of Israel as a supreme divine command, as a herald of the second coming, and the Muslims dispatched collaterally as so many martyrs in the noble cause. Anyway, the Palestinians, many of them dispersed around the globe, will survive as a people, as will the greater Arab nation of which they are part. And surely, to be rid of the Jewish state, the Arabs should be willing to make some sacrifices. In the cosmic balance sheet, it will be worth the candle.

A QUESTION may nevertheless arise in the Iranian councils: What about Jerusalem? After all, the city contains Islam's third holiest shrines (after Mecca and Medina), Al Aksa Mosque and the Mosque of Omar. But Ali Khamenei, the supreme spiritual leader, and Ahmadinejad most likely would reply much as they would to the wider question regarding the destruction and radioactive pollution of Palestine as a whole: The city, like the land, by God's grace, in 20 or 50 years' time, will recover. And it will be restored to Islam (and the Arabs). And the deeper pollution will have been eradicated.

To judge from Ahmadinejad's continuous reference to Palestine and the need to destroy Israel, and his denial of the first Holocaust, he is a man obsessed. He shares this with the mullahs: All were brought up on the teachings of Khomeini, a prolific anti-Semite

tem a área do estado de Sergipe] provavelmente quatro ou cinco alvos atingidos será o suficiente: Adeus Israel. Um milhão ou mais de israelenses nas áreas da grande Tel Aviv, Haifa e Jerusalém morrerão imediatamente. Milhões serão seriamente irradiados. Israel tem cerca de sete milhões de habitantes. Nenhum iraniano vai ver ou tocar em um israelense. Será totalmente impessoal.

Alguns entre os mortos serão inevitavelmente árabes — 1,3 milhões de cidadãos israelenses são árabes e outros 3,5 milhões de árabes vivem no semi-ocupado Banco Ocidental e na Faixa de Gaza. Jerusalém, Tel Aviv-Jaffa e Haifa possuem substanciais minorias árabes. E existem grandes concentrações de árabes nas cercanias de Jerusalém (em Ramallah-Al Bireh, Bir Zeit e Belém) e fora de Haifa. Aqui, também, muitos morrerão, imediatamente ou aos poucos.

É duvidoso se tal morte em massa de amigos islâmicos deixará perturbados Ahmadinejad e os mulás. Os iranianos particularmente não gostam dos árabes, especialmente os sunitas, com os quais têm intermitentemente guerreado durante séculos. E desprezam em especial os palestinos (sunitas) que, afinal, embora ultrapassando o número de judeus em 10 para 1, falharam, durante o longo conflito, ao evitar o estabelecimento do estado judeu, e a não retomar a Palestina.

Além disso, a liderança iraniana vê a destruição de Israel como uma ordem divina suprema, como o prenúncio da segunda vinda, enquanto que, em paralelo, muitos muçulmanos são despachados como mártires da nobre causa. De qualquer modo, os palestinos, dispersos em volta do globo, sobreviverão como um povo, bem como a grande nação árabe, da qual fazem parte. E, claro, para se livrarem do estado judeu, os árabes deverão estar querendo fazer alguns sacrifícios. No balanço cósmico, valerá a pena.

Uma questão pode no entanto ser levantada nos conselhos iranianos: E Jerusalém? Afinal, a cidade tem o terceiro mais sagrado santuário do Islam (depois de Meca e Medina), as mesquitas de Al Aksa e de Omar. Mas Ali Khamenei, o líder espiritual supremo, e Ahmadinejad, provavelmente responderão, como usual, à questão mais ampla, que diz respeito à destruição e à poluição radiativa da Palestina: A cidade, como a terra, pela graça de Alah, em 20 ou 50 anos se recuperará. E será devolvida ao Islam (e aos árabes). E a poluição mais intensa terá sido erradicada.

A julgar pela continua referência à Palestina, feita por Ahmadinejad, pela sua necessidade de destruir Israel, e pela sua não aceitação do primeiro holocausto, ele é um homem obcecado. O que é com-

who often fulminated against "the Little Satan." To judge from Ahmadinejad's organization of the Holocaust cartoon competition and the Holocaust denial conference, the Iranian president's hatreds are deep (and, of course, shameless).

He is willing to gamble the future of Iran or even of the whole Muslim Middle East in exchange for Israel's destruction. No doubt he believes that Allah, somehow, will protect Iran from an Israeli nuclear response or an American counterstrike. Allah aside, he may well believe that his missiles will so pulverize the Jewish state, knock out its leadership and its land-based nuclear bases, and demoralize or confuse its nuclear-armed submarine commanders that it will be unable to respond. And, with his deep contempt for the weak-kneed West, he is unlikely to take seriously the threat of American nuclear retaliation.

Or he may well take into account a counterstrike and simply, irrationally (to our way of thinking), be willing to pay the price. As his mentor, Khomeini, put it in a speech in Qom in 1980: "We do not worship Iran, we worship Allah... I say, let this land [Iran] burn. I say let this land go up in smoke, provided Islam emerges triumphant..."

For these worshipers at the cult of death, even the sacrifice of the homeland is acceptable if the outcome is the demise of Israel.

DEPUTY DEFENSE Minister Ephraim Sneh has suggested that Iran doesn't even have to use the Bomb to destroy Israel. Simply, the nuclearization of Iran will so overawe and depress Israelis that they will lose hope and gradually emigrate, and potential foreign investors and immigrants will shy away from the mortally threatened Jewish state. These, together, will bring about its demise.

But my feeling is that Ahmadinejad and his allies lack the patience for such a drawn-out denouement; they seek Israel's annihilation in the here and now, in the immediate future, in their lifetime. They won't want to leave anything up to the vagaries of history.

As with the first, the second holocaust will have been preceded by decades of preparation of hearts and minds, by Iranian and Arab leaders, Western intellectuals and media outlets. Different messages have gone out to different audiences, but all have

partilhado pelos mulás: Tudo foi construído com base nos ensinamentos de Khomeini, um prolífico anti-semita que costumava atacar furiosamente o "Pequeno Demônio". A julgar pela organização da competição de cartuns sobre o holocausto, incentivada por Ahmadinejad, e pela sua conferência, onde negou o holocausto, os ódios do presidente iraniano são profundos (e, claro, desavergonhados).

Ele está querendo jogar com o futuro do Iran ou mesmo de todo o Oriente Médio muçulmano, em troca da destruição de Israel. Sem dúvida, ele acredita que Alah, de alguma forma, vai proteger o Iran de uma resposta nuclear de Israel, ou de um contra-ataque dos EUA. Alah à parte, ele pode muito bem acreditar que seus mísseis irão pulverizar o estado judeu de tal forma, nocautear sua liderança e suas bases nucleares em terra, e desmoralizar ou confundir seus comandantes de submarinos com armamento nuclear, que será impossível responder. E, com seu profundo descaso com o indeciso Ocidente, é improvável que leve a sério a ameaça norte-americana de uma retaliação nuclear.

Ou então ele pode muito bem levar em conta uma contra-ofensiva e simplesmente, e irracionalmente (para nossa maneira de pensar), estar querendo pagar o preço. Como disse o seu mentor Khomeini em uma conferência na cidade de Qom, em 1980: "Nós não cultuamos o Iran, nós cultuamos Alah... Eu digo, deixe esta terra [Iran] queimar. Eu digo, deixe esta terra virar fumaça, desde que o Islam surja triunfante".

Para esses crentes no culto à morte, mesmo o sacrifício da terra natal é aceitável, se o resultado for a liquidação de Israel.

O ministro da defesa Ephraim Sneh tem sugerido que o Iran não precisa nem mesmo usar a bomba para destruir Israel. Simplesmente a nuclearização do Iran irá intimidar e deprimir tanto os israelenses que eles perderão as esperanças e gradualmente irão emigrar, e os investidores estrangeiros em potencial e imigrantes irão desaparecer de um estado judeu mortalmente ameaçado. Estes, juntos, trarão a sua morte.

Mas minha intuição é que Ahmadinejad e seus aliados perderam a paciência com essa novela; eles procuram a aniquilação de Israel, aqui e agora, no futuro imediato, durante sua vida. Eles não vão querer deixar nada aos caprichos da História.

Assim como no primeiro holocausto, o segundo terá sido precedido por décadas de preparação de corações e mentes pelos líderes árabes e iranianos, por intelectuais do ocidente e por mensagens da mídia. Mensagens diferentes têm sido divulgadas a audiências variadas, mas todas têm servido ao mesmo

(objectively) served the same goal, the demonization of Israel. Muslims the world over have been taught: "The Zionists/Jews are the embodiment of evil" and "Israel must be destroyed."

And Westerners, more subtly, were instructed: "Israel is a racist oppressor state" and "Israel, in this age of multiculturalism, is an anachronism and superfluous." Generations of Muslims and at least a generation of Westerners have been brought up on these catechisms.

THE BUILD-UP to the second holocaust (which, incidentally, in the end, will probably claim roughly the same number of lives as the first) has seen an international community fragmented and driven by separate, selfish appetites - Russia and China obsessed with Muslim markets; France with Arab oil - and the United States driven by the debacle in Iraq into a deep isolationism. Iran has been left free to pursue its nuclear destiny and Israel and Iran to face off alone.

But an ultimately isolated Israel will prove unequal to the task, like a rabbit caught in the headlights of an onrushing car. Last summer, led by a party hack of a prime minister and a small-time trade unionist as defense minister, and deploying an army trained for quelling incompetent and poorly armed Palestinian gangs in the occupied territories and overly concerned about both sustaining and inflicting casualties, Israel failed in a 34-day mini-war against a small Iran-backed guerrilla army of Lebanese fundamentalists (albeit highly motivated, well-trained and well-armed). That mini-war thoroughly demoralized the Israeli political and military leaderships.

Since then, the ministers and generals, like their counterparts in the West, have looked on glumly as Hizbullah's patrons have been arming with doomsday weapons. Perversely, the Israeli leaders may even have been happy with Western pressures urging restraint. Most likely they deeply wished to believe Western assurances that somebody, somehow - the UN, G-8 - would pull the radioactive chestnuts out of the fire. There are even those who fell for the outlandish idea that a regime change in Teheran, driven by a reputedly secular middle class, would ultimately stymie the mad mullahs.

But even more to the point, the Iranian program presented an infinitely complex challenge for a country with limited conventional military resources. Taking their cue from the successful IAF destruction of Iraq's Osirak nuclear reactor in 1981, the Iranians duplicated and dispersed their facilities and buried

propósito, a demonização de Israel. Tem sido ensinado aos muçulmanos do mundo todo: "Os sionistas/judeus são a encarnação do demônio" e "Israel deve ser destruído".

E os ocidentais, mais sutilmente, têm sido instruídos: "Israel é um estado racista e opressor" e "Israel, na era do multiculturalismo, é anacrônico e dispensável". Gerações de muçulmanos e pelo menos uma geração de ocidentais nasceram sob esse catecismo.

A montagem do segundo holocausto (que, incidentalmente, deve tolher quase o mesmo número de vidas que o primeiro) tem se deparado com uma comunidade internacional fragmentada e guiada por diferentes apetites egoístas — a Rússia e a China obcecadas com os mercados muçulmanos; a França com o petróleo árabe — e os EUA levados pela imersão do Iran em um profundo isolacionismo. O Iran tem sido deixado livre para ter o seu destino nuclear, e Israel e Iran para se enfrentarem juntos.

Mas um Israel isolado, no final das contas, não será tão bom para o propósito almejado, tal como um coelho pego pelos faróis de um carro em disparada. No verão passado, liderado por um fanático do partido de um primeiro ministro e por um pequeno sindicalista como ministro da defesa, e enviando um exército treinado para sufocar gangues palestinas, incompetentes e pouco armadas, nos territórios ocupados, e sobretudo preocupado ao mesmo tempo em promover e sustentar baixas, Israel falhou em uma mini-guerra de 34 dias contra uma pequena guerrilha, subvencionada pelo governo do Iran, constituída de fundamentalistas libaneses (embora muito motivados, bem treinados e bem armados). Essa mini-guerra sobretudo desmoralizou as lideranças políticas e militares de Israel.

Desde então os ministros e generais, bem como seus pares no ocidente, têm olhado com tristeza como os donos do Hizbullah têm estado se municiando com armas para o dia do juízo final. Perversamente, os líderes israelenses podem até ter estado felizes com as pressões do ocidente clamando por moderação. Mais provavelmente eles no fundo gostariam de acreditar que alguém, em algum lugar — a ONU, o G-8 — iria tirá-los da fogueira. E há ainda aqueles que têm a estranha impressão de que uma mudança no regime in Teerã, liderada por uma reputada e secular classe média, iria acabar dando um basta nos mulás malucos.

Indo mais ao fundo da questão, o programa iraniano trouxe um desafio infinitamente complexo para um país com limitados recursos militares convencionais. Partindo da bem sucedida destruição do reator nuclear Osirak em 1981, realizada pela Força Aérea de Israel, os iranianos duplicaram e dispersaram

them deep underground (and the Iranian targets are about twice as far from Israel as was Baghdad). Taking out the known Iranian facilities with conventional weapons would take an American-size air force working round-the-clock for more than a month.

At best, Israel's air force, commandos and navy could hope to hit only some of the components of the Iranian project. But, in the end, it would remain substantially intact - and the Iranians even more determined (if that were possible) to attain the Bomb as soon as possible. It would also, without doubt, immediately result in a world-embracing Islamist terrorist campaign against Israel (and possibly its Western allies) and, of course, near-universal vilification. Orchestrated by Ahmadinejad, all would clamor that the Iranian program had been geared to peaceful purposes. At best, an Israeli conventional strike could delay the Iranians by a year or two.

IN SHORT order, therefore, the incompetent leadership in Jerusalem would soon confront a doomsday scenario, either after launching their marginally effective conventional offensive or in its stead, of launching a preemptive nuclear strike against the Iranian nuclear program, some of whose components are in or near major cities. Would they have the stomach for this? Would their determination to save Israel extend to preemptively killing millions of Iranians and, in effect, destroying Iran?

This dilemma had long ago been accurately defined by a wise general: Israel's nuclear armory is unusable. It can only be used too early or too late. There will never be a "right" time. Use it "too early," meaning before Iran acquires similar weapons, and Israel will be cast in the role of international pariah, a target of universal Muslim assault, without a friend in the world; "too late" means after the Iranians have struck. What purpose would that serve?

So Israel's leaders will grit their teeth and hope that somehow things will turn out for the best. Perhaps, after acquiring the Bomb, the Iranians will behave "rationally"?

BUT THE Iranians are driven by a higher logic. And they will launch their rockets. And, as with the first Holocaust, the international community will do nothing. It will all be over, for Israel, in a few minutes - not like in the 1940s, when the world had five long years in which to wring its hands and do nothing. After the Shihabs fall, the world will send rescue ships and medical aid for the lightly charred. It will

suas instalações e enterraram-nas bem fundo no subsolo (e os alvos iranianos estão cerca de duas vezes mais longe de Israel do que de Bagdá). Eliminar com armas convencionais as instalações iranianas conhecidas iria requer uma força aérea do tamanho da norte-americana trabalhando durante um mês sem parar.

Na melhor das hipóteses, a força aérea de Israel, seus comandos e a marinha podem esperar atingir apenas alguns dos componentes do projeto iraniano. Mas, no fim, permanecerá substancialmente intacto — com os iranianos ainda mais determinados (se isso fosse possível) a alcançar a bomba o mais depressa. Também resultaria, sem dúvida, em uma campanha islâmica terrorista contra Israel, em nível mundial (incluindo possivelmente os aliados ocidentais) e, claro, uma quase-universal difamação. Orquestrado por Ahmadinejad, todos clamariam que o projeto iraniano tinha sido orientado para fins pacíficos. Na melhor das hipóteses, um ataque convencional de Israel poderia atrasar os iranianos em um ano ou dois.

Em resumo, a incompetente liderança em Jerusalém irá em breve enfrentar um cenário de dia do Juízo Final, ou após lançar a sua ofensiva convencional, marginalmente efetiva, ou então lançando um ataque nuclear preventivo contra o programa nuclear iraniano, cujas partes estão, em alguns casos, perto ou dentro de grandes cidades. Terão eles estômago para isso? Sua determinação de salvar Israel irá matar preventivamente milhões de iranianos e, de fato, destruir o Iran ?

Este dilema já foi precisamente definido há muito tempo por um inteligente general: O armamento nuclear de Israel não pode ser utilizado. Pode ser usado somente muito cedo ou então muito tarde. Nunca haverá uma "hora certa". Se for usado "cedo demais", isto é, antes do Iran adquirir armas semelhantes, Israel será incluído no rol dos párias internacionais, um alvo a ser atingido pelos muçulmanos universais, sem ter um amigo no mundo; "tarde demais" significa depois que os iranianos tiverem atacado. Para o quê servirá então ?

Assim, os líderes de Israel vão ranger os dentes e esperar que, de alguma forma, as coisas melhorem. Depois de obter a bomba, iriam os iranianos se comportar "racionalmente" ?

Mas os iranianos são dirigidos por uma lógica mais avançada. E lançarão seus foguetes. E, como no primeiro holocausto, a comunidade internacional não fará nada. Em poucos minutos tudo estará acabado para Israel — não como em 1940, quando o mundo teve cinco longos anos para apertar as mãos e não fazer nada. Depois da queda dos mísseis Shihab, o mundo enviará navios de resgate e ajuda

not nuke Iran. For what purpose and at what cost? An American nuclear response would lastingly alienate the whole Muslim world, deepening and universalizing the ongoing clash of civilizations. And, of course, it would not bring Israel back. (Would hanging a serial murderer bring back his victims?)

So what would be the point?

Still, the second holocaust will be different in the sense that Ahmadinejad will not actually see and touch those he so wishes dead (and, one may speculate, this might cause him disappointment as, in his years of service in Iranian death squads in Europe, he may have acquired a taste for actual blood).

And, indeed, there will be no scenes like the following, quoted in Daniel Mendelsohn's recent *The Lost, A Search for Six of Six Million*, in which is described the second Nazi action in Bolechow, Poland, in September 1942:

A terrible episode happened with Mrs. Grynberg. The Ukrainians and Germans, who had broken into her house, found her giving birth. The weeping and entreaties of bystanders didn't help and she was taken from her home in a nightshirt and dragged into the square in front of the town hall.

There... she was dragged onto a dumpster in the yard of the town hall with a crowd of Ukrainians present, who cracked jokes and jeered and watched the pain of childbirth and she gave birth to a child. The child was immediately torn from her arms along with its umbilical cord and thrown - It was trampled by the crowd and she was stood on her feet as blood poured out of her with bleeding bits hanging and she stood that way for a few hours by the wall of the town hall, afterwards she went with all the others to the train station where they loaded her into a carriage in a train to Belzec.

In the next holocaust there will be no such heart-rending scenes, of perpetrators and victims mired in blood (though, to judge from pictures of Hiroshima and Nagasaki, the physical effects of nuclear explosions can be fairly unpleasant).

But it will be a holocaust nonetheless.

médica para os levemente carbonizados. Mas não atacam o Iran com armas nucleares. Por que fariam isso, e a que custo? Uma resposta nuclear americana irá no final isolar todo o mundo muçulmano, aprofundando e universalizando o choque de civilizações em curso. E, claro, não trará Israel de volta (Enforcar um assassino serial trará de volta as suas vitimas ?)

Assim, qual seria o ponto ?

De novo, o segundo holocausto será diferente no sentido de que Ahmadinejad, na verdade, não verá nem tocará aqueles que ele tanto deseja ver mortos (e alguém pode especular: Isto poderia desapontá-lo pois em seus dias de serviço nos esquadrões da morte na Europa ele pode ter adquirido um gosto especial por sangue).

ACMM-2007